

dizer-se que, dentro dos moldes a que voluntariamente se cingiu, o A. conseguiu fazer trabalho apreciável. Reüniu e apresentou interessantes documentos, estabeleceu à luz de uma lúcida crítica das fontes os passos mais importantes da vida do autor da *Besta Esfolada* e encheu o seu estudo de comentários pertinentes e espi-rituosos. O Dr. Carlos Olavo escreve com notável elegância e de maneira atraente. Tudo isto faz do seu estudo um belo livro, a que cumpre prestar a homenagem merecida.

Dito isto, já se pode fazer uma observação, que é a seguinte: falta em *A vida turbulenta do Padre José Agostinho de Macedo* um quadro geral da vida social do século XVIII e dos princípios do século XIX em Portugal. A muitos respeito, a biografia que o Dr. Carlos Olavo escreveu é mais do que uma simples biografia. Mas também lhe falta bastante para ser uma verdadeira biografia, isto é, uma biografia em que o ambiente social em que viveu o biografado seja convenientemente determinada.

E' por o A. não ter estudado a fundo as relações do P.^o José Agostinho com a estrutura social da sua época que, ao virar a última página, o leitor fica sem saber bem como explicar muito da vida e dos êxitos, sobretudo, do Padre José Agostinho de Macedo.

Para fazer inteira justiça ao A. deve dizer-se que, infelizmente, ainda não há elementos de estudo suficientes para se conhecer nas suas mais profundas características o período em que viveu o autor dos *Burros*. — R. S.

mosaico da cultura

(Cadernos de divulgação, da «Argo»,
Lisboa)

N.^{os} 1003 e 1005 a 1008

1003 — A Infância da Arte — Max Verworn — Trad. de Anibal G. Pereira. — Nêste voluminho, o A. procura tirar da prè-história argumentos para defesa da sua tese: «As manifestações do sentido artistico primitivo tem todas, como origem comum, *um entretenimento, uma actividade lúdica*». Não o consegue. Os argumentos que nós mostra

ou não são convincentes, ou até, pelo contrário, se voltam contra a tèse. Por outro lado comete alguns êrros de interpretação, e não diz uma palavra sobre o significado de utilidade que hoje geralmente se atribuiu à arte primitiva. — (R.).

1005 — Talleyrand, o Diplomata e o Gentil-Homem, visto por um dos seus descendentes. — Jean de Castellane — Trad. de Gentil Marques e Leão Penedo. — Não sabemos o que a «Argo» pretendeu introduzindo na sua coleção «de cultura», uma obra como esta, em que apenas se pretende defender, ou melhor, engrandecer a personalidade dum estadista que não tem nada de extraordinário. A coisa é assim como que uma questão de família, que seria aceitável se dela se desprendesse alguma lição. O melhor que o livro nos deu foi a crítica publicada no «Pensamento», n.^o 147, por Fausto Ribas.

1006 — A eloquência na Grécia antiga — por Adolfo Damaschke. — Êste caderno foca um aspecto da vida mental grega, notável pela importância na vida pública: a eloquência. Não havendo imprensa, era por debates públicos que se resolviam ou se tomava conhecimento dos problemas. Grande parte do caderno é consagrado a Demóstenes que lutou pela palavra e pela acção contra Filipe e Alexandre da Macedónia.

O problema focado afigura-se-nos porém de limitado interêsse em face de outros de mais largo alcance da história da Grécia e susceptíveis de interessar um número maior de leitores. — (N.).

1007 — Da Morte — A. Hoche — (Trad. de Henrique Vaz) — Um livro inútil como elemento de cultura ou factor de divulgação. Aproveitam-se as últimas frases (págs. 40 e 41), e no meio do livro um ou outro conceito pouco original, mas sadio. — (R.).

1008 — O desenvolvimento da visão. — Por Walter Loehlein. (Trad. de Mário de Caires). O A., adepto da fórmula «a função *cria* o órgão», que só em parte é verdadeira, comete alguns êrros de interpretação, tira, por vezes, conclusões um pouco precipitadas, e usa duma linguagem que, por um lado, não se adapta às suas próprias idéas, e por outro inculca no leitor falsas noções sobre os processos da natureza. O cap. III é o melhor do livro: claro, sucinto e completo. O tra-